

Caso nº 2 – Delírio de acusação e conduta suicida disfarçada de “ato terrorista” de um jovem argelino de 22 anos – Frantz Fanon

Este doente foi mandado para o hospital pela autoridade judiciária francesa. Essa medida foi tomada depois de uma perícia médico-legal praticada por psiquiatras franceses que trabalhavam na Argélia.

Trata-se de um homem magro, em pleno estado confusional. O corpo está coberto de equimoses e duas fraturas no maxilar impedem toda absorção de alimentos. Assim, durante mais de duas semanas, alimenta-se o doente com várias injeções.

Ao fim de duas semanas, o vazio do pensamento se desvanece; um contato é estabelecido e conseguimos reconstituir a história dramática desse jovem.

Durante a juventude, praticou o escotismo com um raro fervor. Tornou-se um dos principais responsáveis pelo movimento escoteiro muçulmano. Mas aos 19 anos, abandonou o escotismo para se ocupar apenas da sua profissão. Mecanógrafo, lutou com tenacidade pelo seu sonho de tornar-se um grande especialista na profissão. No dia 1º de novembro de 1954, estava totalmente absorvido por problemas estritamente profissionais. Na hora, não teve nenhuma reação quanto à luta nacional. Já não frequentava mais os antigos companheiros. Mais tarde, ele se definiria nessa época como “mobilizado para aprofundar as capacidades técnicas”.

Entretanto, em meados de 1955, durante uma reunião familiar, teve subitamente a impressão de que seus parentes o consideravam como um traidor. Depois de alguns dias, essa impressão fugitiva desapareceu, mas permaneceu nele uma certa inquietação, um certo mal-estar que ele não conseguia compreender.

Decidiu então tomar as refeições às pressas, evitar o ambiente familiar e fechar-se no quarto. Evitava todos os contatos. Foi nessa situação que sobreveio a catástrofe. Um dia, em plena rua, por volta de meio-dia e meia, ouviu distintamente uma voz tratá-lo de covarde. Virou-se mas não viu ninguém. Apressou o passo e decidiu não trabalhar mais. Ficou no quarto e não jantou. À noite, estourou a crise. Durante três horas, ouviu todo tipo de insultos, vozes na sua cabeça e na noite: “Traidor... Covarde... E todos os teus irmãos que morrem... traidor... traidor...”

Uma ansiedade indescritível se apoderou dele: “Meu coração bateu durante 18 horas no ritmo de 130 por minuto. Achei que ia morrer.”

A partir de então, o doente não conseguiu engolir mais nada. Emagrecia a olhos vistos, confinava-se numa total escuridão, recusava-se a abrir a porta para os parentes.

Por volta do terceiro dia, lançou-se na oração. Disse-me que ficava ajoelhado durante 17 a 18 horas por dia. No quarto dia, impulsivamente, “como um louco”, com “uma barba que contribuía para lhe dar a aparência de um louco”, sem paletó nem gravata, saiu para a cidade. Uma vez na rua, não sabia aonde ir; caminhou e depois de algum tempo encontrou-se na parte europeia da cidade. Seu tipo físico (ele se assemelha a um europeu) parecia protegê-lo das interpelações e dos controles das patrulhas francesas.

Em contrapartida, ao lado dele, argelinos e argelinas eram detidos, maltratados, insultados, revistados... Ora, paradoxalmente, ele não levava nenhum documento. Essa gentileza espontânea das patrulhas inimigas o confirmava no seu delírio: “Todo mundo sabe que ele está com os franceses. Os próprio soldados receberam ordem de deixá-lo tranquilo.”

Além disso, os olhos dos argelinos detidos, com as mãos na nuca, esperando a revista, lhe parecia carregado de desprezo. Subjugado por uma agitação incoercível, afastou-se apressadamente. Foi nesse momento que chegou à frente do prédio do Estado Maior francês. No portão, vários militares, com metralhadoras. Avançou entre os soldados, jogou-se sobre um deles e tentou arrancar-lhe a metralhadora gritando: “Eu sou um argelino.”

Rapidamente dominado, foi conduzido à polícia, onde lhe perguntaram repetidamente os nomes dos seus chefes e dos diferentes membros da rede à qual pertenceria. Ao fim de alguns dias, os policiais e os militares perceberam que se tratava de um doente. Decidiu-se fazer uma perícia, que concluiu pela existência de distúrbios mentais e prescreveu a hospitalização. “O que eu queria, disse-nos ele, era morrer. Mesmo na polícia, eu acreditava e esperava que depois das torturas, eles me matariam. Eu estava contente de ser espancado, pois isso me provava que eles me consideravam como inimigo deles. Eu não podia mais ouvir sem reagir àquelas acusações. Não sou um covarde. Não sou uma mulher. Não sou um traidor.”¹

In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, p. 314-317.

¹ Durante o ano de 1955, os casos desse tipo foram extremamente numerosos na Argélia. Infelizmente, nem todos os doentes tiveram a sorte de chegar ao hospital.